



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO CONSELHO DA SECRETARIA GERAL
DO SÍNODO DOS BISPOS**

Sábado, 30 de Outubro de 1982

1. Saúdo de coração todos Vós, Membros do Conselho da Secretaria Geral, aqui reunidos para prestar um importante serviço à próxima Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, isto é para preparar o relativo documento de trabalho ("*Instrumentum laboris*"). Convosco saúdo também os Peritos, que vos prestaram a sua ajuda, e também os Oficiais e o Pessoal da Secretaria do Sínodo.

No telegrama, assinado em nome do vosso Cardeal Zoungrana, moderador da reunião, e por D. Tomko, Secretário-Geral, quisestes agradecer-me porque procuro manter viva a atenção da Igreja para a instituição do Sínodo dos Bispos e também para o tema da sua próxima Assembleia Geral, que é "A reconciliação e a penitência na missão da Igreja".

Por minha vez, desejo exprimir gratidão a todos vós pelo empenho e o espírito de sacrifício, com que enfrentastes estes delicados trabalhos.

2. O tema da reconciliação e da penitência na missão da Igreja convida-nos a avançar por um caminho empenhativo, juntamente com Cristo. É o caminho do Evangelho, porque a pregação de Jesus tem início precisamente com o apelo: "Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova" (*Mc 1, 15*), e culmina sobre a Cruz na palavra do perdão: "Perdoa-lhes, ó Pai..." (*Lc 23, 34*). Eis pois o caminho evangélico, no qual encontramos a bem-aventurança dos misericordiosos, o apelo ao amor pelos inimigos, a necessidade da reconciliação ("Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão": *Mt 5, 23*), a prece da reconciliação ("Pai nosso,... perdoa-nos as nossas ofensas, como nós as perdoamos..." *Mt 6, 12*) e aqueles sinais de poder através dos quais, curando e perdando os pecados, Cristo realiza a cura de todo o homem.

Vós sabei-lo: este caminho do Evangelho, caminho de reconciliação, não pára no facto histórico da morte, ressurreição e ascensão do Senhor. É Deus que nos reconcilia "Consigo por meio de Cristo" (2 Cor 5, 18). E é sempre Deus, "rico em misericórdia" que nos oferece o seu dom da reconciliação quando, por meio do seu Filho, confia à Igreja o ministério da reconciliação: "Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 22 s.). Deus "reconciliou-nos Consigo por meio de Cristo e confiou-nos o ministério da reconciliação. Era Deus que reconciliava Consigo o mundo, em Cristo, não lhe levando mais em conta os pecados dos homens e pondo nos nossos lábios a mensagem da reconciliação" (2 Cor 5, 18 s.). Por conseguinte, "o ministério da reconciliação do homem com Deus constitui a missão fundamental da Igreja...! Uma vez realizada pela iniciativa divina, a reconciliação com o mundo em Jesus Cristo exige uma incessante actuação. A humanidade reconciliada com Deus sente constantemente nova necessidade do ministério da reconciliação" (João Paulo II, ao [*Angelus 4 de Abril de 1982*](#)).

3. Se é bem compreendido em todas as suas dimensões e em todos os seus elementos, o mistério da reconciliação inclui aquela resposta do homem, que o Evangelho chama "conversão" e "penitência".

A Igreja de facto foi confiado o dom da misericórdia em benefício de cada homem e de todo o homem. O vosso trabalho para preparar o Sínodo do próximo ano inspira-me a acentuar aqui um elemento essencial, porque ele corresponde a uma necessidade muito sentida pelos nossos contemporâneos: o mistério da reconciliação atinge o homem no mais profundo da sua intimidade porque é aqui, antes de tudo, que pode ser dado o remédio para o drama que atormenta a nossa época lacerada por tantas tensões, divisões, injustiças e violências.

Aqui, de facto, no fundo do coração de cada homem, radicam-se as defidências e as inimizades, que opõem entre si os interesses colectivos e as próprias nações. "A obra da paz começa quando escutamos o urgente apelo de Cristo: . 'Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova' (Mc 1, 15)" (João Paulo II, [*Homilia em Coventry, 30 de maio de 1982*](#)).

Há quanto tempo — diz-nos São Beda o Venerável — "se repete esta exortação, e queira Deus que de uma vez para sempre seja escutada! Completou-se o tempo e o Reino de Deus está perto; Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova; isto é, renunciad às obras mortas e acreditai no Deus vivo. Para que serve crer sem as boas obras? Não é o mérito das boas obras que nos levou à fé; mas a fé começa para que as boas obras as sigam" (*In Evang. Marci*, 1, 1, 14-15).

4. Só Cristo pode dar a cada um um coração novo e um espírito novo. Deste modo Ele começa a desenraizar de nós o pecado; assim Ele toca a nossa consciência precisamente na raiz daquele desequilíbrio fundamental, no íntimo de nós mesmos, onde nós somos dilacerados entre a luz e as trevas; divididos entre o bem e o mal, como incapazes de realizar o bem, que decidimos fazer, e de evitar o mal, que reprovamos. Cristo cura-nos precisamente onde estamos doentes daquele

mal contagioso, que dá origem ao desequilíbrio no mundo inteiro: o egoísmo, a inveja, a vontade de domínio.

É necessário pois insistir sobre isto, porque precisamente aqui está a chave de muitos problemas difíceis: a possibilidade de acolher o dom de Deus, mediante uma conversão sincera, é sinal da dignidade do homem. Na realidade, assumindo a responsabilidade das próprias culpas, o homem atesta o valor da própria liberdade, ferida sim, mas regenerada por Cristo.

Porque, se o pecado e a culpa já não fossem reconhecidos por aquilo que são aos olhos de Deus, então seria posto em perigo aquilo que há de mais humano no homem mesmo. "Pecaste? — pergunta-nos São João Crisóstomo — Confessa então a Deus: Pequei!. Denuncia o teu pecado, que queres que te seja perdoado. Não é difícil fazê-lo, não são necessários jogos de palavras nem se deve gastar dinheiro: nada de tudo isto. E necessário reconhecer em boa fé os próprios pecados e dizer: Pequei" (*Homilia sobre a penitência*, 2, 1).

A chamada de Cristo à conversão é um apelo a tomar de novo consciência da própria dignidade; é uma oportunidade para a reconciliação no sentimento mais vasto dentro da sociedade e entre os povos. E através dos difíceis caminhos da história humana a cura do coração deixa também entrever à nossa esperança alguma coisa da reconciliação escatológica: a paz messiânica plenamente realizada nos novos céus e na nova terra.

No santuário inviolável do coração humano está em jogo o papel que cada um deve desempenhar na história do homem: da parte do amor e da paz, ou da parte do ódio e da guerra. Seguindo Cristo caminha-se rumo à luz e progride-se nos caminhos da paz. Neste caminho toda a Igreja será convidada a avançar com o passo mais corajoso e mais rápido por ocasião do próximo Sínodo, com a condição de todos nós estarmos sempre atentos às palavras do Apóstolo: "Suplicamo-vos, pois, em nome de Cristo: Reconciliai-vos com Deus" (*2 Cor 5, 20*).

Faço portanto votos por que o vosso encontro seja fecundo de ideias, de propostas, de sugestões, para que o Povo de Deus saiba viver cada vez mais profundamente a própria vida cristã na perspectiva da conversão contínua e da perene reconciliação com Deus em Cristo, mediante o qual podemos ter acesso junto ao Pai num mesmo Espírito (cf. *Ef 2, 18*).

Com estes votos, invoco sobre os vossos trabalhos larga efusão de luzes e de favores celestes, em penhor dos quais vos concedo de coração a propiciadora Bênção Apostólica, sinal da minha estima e benevolência.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana